

Peregrinação a Czestochowa 2013 **Mensagem do Padre Julián Carrón**

Caríssimos, a peregrinação é para pedir a fé, porque essa é a coisa mais urgente agora. Pela natureza do gesto, para vocês é mais fácil perceber esta urgência, porque – sendo longo e custoso – passa-se por momentos (como na vida quotidiana) em que vem ao de cima mais facilmente a noção de toda a nossa necessidade, da necessidade que todos temos. E isso não vem à superfície por fazermos um discurso ou darmos uma explicação, mas por meio do caminho, das circunstâncias: o cansaço, as dificuldades, a solidão (no sentido verdadeiro do termo: sentir a nossa impotência, que é sinal de toda a experiência humana verdadeira, diz Dom Giussani). É precisamente da experiência que vão fazer ao longo do caminho que vai surgir a consciência da vossa necessidade e a pergunta: «O que é que sentimos como mais necessário, senão a necessidade de que uma presença nos acompanhe ao longo da estrada da vida?». Isto é o que vocês devem pedir: que a Sua presença se manifeste de modo tão potente que possam reconhecê-la, porque a fé – Dom Giussani sempre nos ensinou isso – é o reconhecimento de uma Presença presente.

Como nos disse o Papa Francisco a 18 de maio em Roma, «o importante é Jesus e deixarmo-nos guiar por Ele». Têm sorte porque, de manhã à noite, vão poder abandonar-se Àquele que há-de marcar os passos a seguir. Se voltarem de Czestochowa para casa tendo experimentado a fé como uma experiência presente, como o reconhecimento da Sua presença presente, será o maior dom para continuar a viver. Não vejo uma urgência mais decisiva do que esta para cada um de vocês, porque a experimento em primeiro lugar em mim.

Claro que, antes de partir, uma pessoa gostaria de ter algumas certezas. E mesmo tendo preparado tudo bem, mas não tendo a certeza do que a espera, deixa-se prender por algum medo. Como educar-nos a vencer estes medos que muitas vezes não têm fundamento?

Lembrem-se que não vão para Czestochowa sozinhos, mas juntos. E esta é já uma primeira resposta mas – como irão ver com o passar dos dias – isso não vos vai poupar os desafios nem as dificuldades, mas será precisamente através dos desafios e das dificuldades que vão poder experimentar a surpresa de Cristo presente, companhia para a vossa vida, e ver que não existe circunstância nenhuma em que Cristo não se possa manifestar. Isto é decisivo para vencer o medo, porque este não se ultrapassa ficando-se pelo próprio cansaço, sem arriscar na realidade. Como Dom Giussani sempre disse, a vida como vocação é caminhar juntos para o destino através das circunstâncias, que são parte da modalidade por meio das quais o Mistério se revela. O povo de Israel adquiriu esta certeza no meio de todos os medos e vicissitudes, através das circunstâncias, como os discípulos, como a Igreja, como cada um de nós.

Os medos não se vencem ficando fora da confusão, mas atravessando-a. Não poderás adiar a peregrinação para amanhã porque estás cansado e ainda faltam trinta quilómetros, não te é permitido distrair-te fazendo outra coisa porque tens de andar, não te podes sentar. É isso o “através”! Por isso, tens de dar-te constantemente as razões por que seges adiante. É este o valor pedagógico de um gesto como a peregrinação, que vocês fazem livremente, não é imposto ou sofrido (como uma doença ou os exames universitários). A peregrinação é para aprender o que é a vida e quem é Cristo que nos acompanha nesta aventura. Faço votos de que isto seja manifesto na experiência que vão fazer, caso contrário Cristo poderia permanecer como «o retrato de uma mulher bonita esculpido no monumento sepulcral da mesma» (G. Leopardi). Devem regressar mais certos daquilo que vos pôs a caminho e dar-nos testemunho disso.

A vida é um caminhar para a meta. Tanto assim que a Bíblia fala do *homo viator*, o homem que anda ao longo do caminho. A questão é que isto se torne cada vez mais consciente, porque – diz Dom Giussani – «a vida exprime-se, [...] antes de mais, como consciência de relação com quem a fez»: tu és relação com Quem te faz agora, isso faz parte da dimensão do teu viver. «A oração é dar-se conta que “neste” momento a vida é “feita”. [...] Assim, a oração não é um gesto à parte, mas realiza a primeira dimensão de cada acção» (de *cada* acção!). Enquanto caminham, nas horas da vossa jornada, «o acto de oração será necessário para nos treinarmos para essa consciência de cada acção. Por isso, o mais alto vértice da oração não é o êxtase, que é uma consciência de fundo de tal

ordem que se perde a noção do habitual, mas antes ver o fundo como se vêem as coisas habituais» (*Na Origem da Pretensão Cristã*, p. 103-104).

O homem é, por natureza, um *viator* e nós estamos sempre em *status viatoris*, somos sempre “caminhantes”, é uma dimensão do viver. Mas podemos viver como caminhantes distraídos ou caminhantes conscientes: não pelo facto de sermos caminhantes, não pelo facto de eu e tu recebermos constantemente a vida, por isso mesmo é que também estamos conscientes de que a recebemos! É esta consciência que nos faz dar espaço à oração, a este acto que facilita a nossa tomada de consciência, não para dar por terminada a partida (como quem diz: «Agora já fiz a minha boa acção de oração e posso passar para outra coisa, esquecendo-me), mas para que isto se torne cada vez mais a dimensão de cada acção.

Entre as intenções que vão levar à Virgem Negra, peço-vos que incluam uma pelo Movimento, porque é o lugar que Cristo nos deu para nos acompanhar, dado que nos interessa encontrar sempre companheiros de estrada que nos ajudem nisto, porque é isso o Movimento. E depois “levem-me” convosco também a mim, a quem Dom Giussani pediu esta responsabilidade: que eu possa ajudar o Movimento a ser o lugar de uma experiência presente.